

EM 2025

É a primeira vez que um país do continente recebe a presidência do grupo. Liderança da África do Sul ocorre 30 anos após o apartheid. Neste ano, a cúpula do bloco ocorre no Rio de Janeiro e movimenta a cidade

África do Sul presidirá o G20

» CAMILA CURADO

Em 1º de dezembro de 2024, o G20 será presidido pela primeira vez por um país africano. Com mais de 63 milhões de habitantes, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a África do Sul é o único país do continente no G20. O marco acontece em um ano simbólico: os sul-africanos comemoram 30 anos do fim do apartheid. Em abril de 1994, o país teve as primeiras eleições multirraciais com a eleição do primeiro negro presidente, Nelson Mandela, um ano após ter vencido o Prêmio Nobel da Paz.

Em Brasília, esse repasse de gestão aconteceu no Congresso Nacional, na última sexta, no último dia 10ª Cúpula de Presidentes dos Parlamentos do G20, o P20. A parlamentar sul-africana Annelie Lotriet recebeu a presidência do P20 pelas mãos de Arthur Lira (PP-AL), em gesto simbólico, uma vez que a oficialização ocorrerá no Rio. “Isso traz um momento histórico não apenas para nossa nação, mas para todo continente africano”, declarou Annelie.

Em seu discurso, a parlamentar sul-africana defendeu maior representatividade do continente na participação em negociações e acordos multilaterais e garantiu o compromisso do país em dar continuidade às propostas do P20 na busca pela paz e na defesa dos direitos humanos. Annelie convidou aos parlamentares presentes a se juntarem ao encontro no próximo ano: “estamos ansiosos para receber vocês”.

Em seguida, o governo transmitiu um vídeo informativo sobre o G20 no país: “nós somos o berço da humanidade”. O anúncio celebrava a conquista

africana inédita. O G20 coloca a África do Sul em evidência 15 anos depois da 19ª Copa do Mundo Fifa, a primeira no continente. Neste ano, a cúpula do bloco ocorre no Brasil, na cidade no Rio de Janeiro.

A apenas uma semana para dar início à 19ª Cúpula de Líderes do G20, no Rio de Janeiro, o Brasil se movimenta para garantir a segurança e estrutura para receber pela primeira vez representantes das maiores economias do mundo. A expectativa é que os 19 países e os dois organismos internacionais membros do grupo tragam 60 delegações estrangeiras e 40 chefes de Estado para a capital fluminense nos dias 18 e 19 de novembro.

A agenda da cidade já começa a ficar movimentada esta semana e a receber autoridades internacionais. A partir do dia 14, o prefeito Eduardo Paes (PSD) vai receber mais de 60 prefeitos e delegações de mais de 100 cidades estrangeiras para o Urban 20 (U20). Criado em 2017, em Paris, o evento de diplomacia entre cidades busca debater as pautas de economia, clima e desenvolvimento na perspectiva das cidades de países do G20, promovendo o debate e a articulação política entre os membros.

Simultaneamente, até o dia 17, o Rio será palco do lançamento do G20 Social, a iniciativa popular criada pelo governo brasileiro, que preside o grupo este ano. O país recebeu a presidência do G20 da Índia, durante ao final da 18ª Cúpula em 2023 em Delhi, capital indiana. Na cerimônia de encerramento do encontro no Rio, será a vez do Brasil transferir a presidência do grupo para a África do Sul.

Marina Ramos/Câmara dos Deputados



Arthur Lira entrega a presidência do P20 para a vice-presidente da Assembleia da África do Sul, Annelie Lotriet

Rotatividade

Com presidência rotativa e anual desde 2011, o Grupo dos Vinte (G20) é um fórum internacional de cooperação econômica fundado em 1999. A necessidade de unir as maiores economias mundiais em um só grupo surgiu após a crise financeira no continente asiático. Dessa forma, ministros de finanças e presidentes de bancos centrais destes países poderiam debater e gerenciar o sistema econômico global.

O encontro inaugural da cúpula aconteceu em Berlim, Alemanha, em 1999, e consagrou o até então ministro das Finanças do Canadá, Paul Martin, como o primeiro presidente. Os inte-

grantes do grupo são: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia e Turquia. E dois organismos internacionais: União Africana e da União Europeia.

Eles representam mais de 85% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, 75% do comércio global e cerca de dois terços da população do planeta. E, desde sua criação, o G20 desempenha um papel crucial no fortalecimento da arquitetura financeira internacional e da governança mundial, apoiando o crescimento e o desenvolvimento de políticas nacionais e de cooperação internacional.

No comando do grupo, o governo brasileiro estabeleceu tópicos prioritários a serem debatidos ao longo do ano, em especial, durante o encontro do grupo no P20 e no G20. Divididos em três frentes de trabalho, os países devem trabalhar e encontrar soluções para combater a fome, pobreza e desigualdade; promover o desenvolvimento sustentável nas esferas econômica, social e ambiental; e realizar uma reforma na governança global, que ainda segue normas criadas no século passado.

África em evidência

A África do Sul participou ativamente do P20. A delegação

levou três parlamentares para representar o país: vice-presidente da Assembleia Nacional da África do Sul, Annelie Lotriet, e os parlamentares do Congresso Nacional Africano, Mikateko Golden Mahlaule e Liezl Linda van der Merwe. Os outros quatro países do continente convidados pelo Brasil para o P20 vieram: Angola, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

O continente teve mais duas representações parlamentares. A parlamentar tanzaniana eleita em 2023 presidente da União Interparlamentar (UIP), Tulia Ackson, e a terceira vice-presidente do Parlamento Pan-Africano, a cabo-verdiana Lucia Maria dos Passos, no cargo desde 2022. Todos os representantes africanos tiveram a oportunidade de discursar para os parlamentares presentes.

A presidente da Assembleia Nacional da Angola, Carolina Cerqueira, primeira presidente mulher do Parlamento angolano, destacou o papel da mulher africana na tomada de decisão. “Em quase todo o continente, principalmente nas zonas rurais, há barreiras no exercício à cidadania por motivo de cultura e tradição que impedem o acesso das mulheres à educação escolar e à qualificação técnica e profissional, o que gera um profundo impacto negativo sobre as gerações futuras”.

“Quando ocupam cargos de liderança, têm que lutar contra os estereótipos de gênero que consideram, por exemplo, que a mulher que ascendeu àquele cargo não o fez por mérito próprio — enfrentar o preconceito de gênero”, revelou. Ela defendeu a importância em se estabelecer regras para financiamento eleitoral.

Países que sediaram cúpulas do G20 ao longo dos anos

A crise financeira de 2009 iniciou em 2007, com a especulação imobiliária, e culminou na recessão global mais profunda desde a Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, a cúpula se reuniu pela primeira vez em 2008, em Washington, na capital dos Estados Unidos. Mas foi em 2011, quando a França tomou a frente da organização e da presidência do evento, que ele passou a ser realizado uma vez ao ano



2008
Estados Unidos



2009
Reino Unido



2009
Estados Unidos



2010
Canadá



2010
Coreia do Sul



2011
França



2012
México



2013
Rússia



2014
Austrália



2015
Turquia



2016
China



2017
Alemanha



2018
Argentina



2019
Japão



2020
Arábia Saudita



2021
Itália



2022
Indonésia



2023
Índia



2024
Brasil



SÉRGIO ABRANCHES

AS DESIGUALDADES MÚLTIPLAS GERAM UMA RESPOSTA RAIVOSA, ANTIPOLÍTICA, MAIS DO QUE DE MOBILIZAÇÃO PARA A POLÍTICA. SEM IDENTIFICAR UM RESPONSÁVEL DIRETO POR SUAS DORES, ESSE POVO É TOMADO PELO RESSENTIMENTO

A vitória do voto triste

A vitória de Donald Trump é um perigo. Não apenas para o seu país. Para a democracia e para o mundo. Trump pretende desmontar o aparato de checks and balances da democracia americana. Se conseguir esse desmonte institucional por dentro, aproveitando-se do poder conferido pelo voto, provará que, se é possível em um país considerado institucionalmente invulnerável, pode ser replicado em qualquer outro país. Mais ainda, ele se refere sempre ao seu projeto de poder como “nosso movimento”. Ele tem nome, MAGA e Trump diz que é “o mais poderoso movimento de todos os tempos”. Na verdade, um conjunto de memes formatado pelo marketing digital para infectar “o mundo livre”. Usará todo o poder presidencial para que o “movimento” transcenda os quatro anos de seu mandato.

A ameaça não é só político-institucio-

nal. Ela indica imenso retrocesso no já atrasado plano de descarbonização das economias. “Nós temos mais petróleo que a Arábia Saudita, mais que a Rússia, que qualquer país.” Foi o que disse ao falar como vencedor. É falso. Mas vai aumentar a exploração de petróleo. Quando se pede aos países mais ousadia na redução das emissões de gases-estufa, Trump pretende emitir mais.

Muitos analistas explicam sua vitória pelos erros de Biden, pela curta exposição de Kamala Harris para ser conhecida e fazer sua mensagem chegar aos eleitores. Os votos que ela obteve desmentem essa hipótese. Trump foi escolhida da maioria, pela primeira vez venceu no voto popular. Jovens, mulheres, latinos, negros, imigrantes e seus filhos votaram nele o suficiente para lhe dar a dianteira e bloquear o avanço da oponente, apesar de seu racismo, misoginia e xenofobia.

O voto que o elegeu é diferente. É voto baseado em emoções e não em interesses. O sentimento contrariou os interesses e a realidade material. Os indicadores econômicos são positivos mas, a percepção, o sentimento de conforto econômico é negativo. É certo que a inflação é baixa, mas não houve deflação de preços, eles não caíram. Mas não é razão para derrota tão marcante. Sim, houve machismo e racismo na preferência de muitos eleitores. É parte dos votos tristes que são uma manifestação mais ampla.

Tomei emprestada a ideia de François Dubet. Ele fala em seu livro, O tempo das paixões tristes, que elas nascem do aumento e principalmente da mudança na natureza das desigualdades. O sofrimento social provém de uma série de injustiças pessoais, discriminação e desprezo. As desigualdades múltiplas geram uma resposta raivosa, antipolítica, mais do que de mobilização para a política. Sem identificar um responsável direto por suas dores, esse povo é tomado pelo ressentimento.

A extrema-direita sabe explorar esses sentimentos. A esquerda não sabe responder a eles. A direita restaurou-se como extrema-direita e se digitalizou. Com a linguagem das redes explorou os sentimentos tristes, o ressentimento, o medo, a frustração dos sonhos, a indignação com as perdas e com a impassividade das elites. Absorveu a demagogia dos populistas para falar com os novos descamisados. A mentira e o ódio ao outro são parte da semântica política da extrema-direita.

A decadência dos partidos do amplo espectro que abriga do socialismo democrático, à social-democracia e ao social-liberalismo se deve à incapacidade de reconfigurar suas visões dos problemas estruturais do povo para as novas realidades. Suas bases tradicionais estão se decompondo com a automação e o uso de aprendizado de máquina. Há novo processo de desconcentração industrial transnacionalizada com a globalização. As bases sociais que esses partidos buscaram

mobilizar e representar, antes parte da maioria dos explorados, estão minguando com o desaparecimento das formações sociais que as originaram. Formaram-se novas categorias sociais despossuídas que eles não entendem e cujos interesses não representam. Essas categorias sociais deslocadas pela destruição de suas ocupações tradicionais somam seu descontentamento à indignação dos “por conta própria” que emergem na “nova economia” sem a proteção da seguridade estatal e se sentem esmagados pelos impostos que não lhes trazem benefício tangível. Sentem-se desrepresentadas, encontram mais ressonância na extrema-direita e votam com as emoções que ela sabe estimular.

Falam na falta de memória do eleitor brasileiro. Em toda democracia de massa, a memória eleitoral é curta. O eleitor americano esqueceu a invasão do Capitólio, esqueceu a crise econômica, sua atitude na pandemia e reelegeram Trump.